

Perspectiva Cultural na obra de Eça de Queirós

Marcio Jean Fialho de Sousa¹

RESUMO: Este artigo se propõe analisar como o contexto cultural e social é refletido na produção literária de Eça de Queirós, elevando-o à categoria de autor engajado, fazendo com que sua obra de arte possa ser localizada num tempo e num estilo específico, ou seja, essa obra, também engajada, passa a ser considerada um texto clássico nos meios acadêmicos.

ABSTRACT: The present paper aims to analyze how the cultural and social context are reflected in literary production of Eça de Queirós, rising to the rank of the engaged authors, so his production can be located on a specific time and style, i.e., this work is considered a classic text in academic circle.

PALAVRAS-CHAVE: Eça de Queirós, cultura, autor engajado.

KEYWORDS: Eça de Queirós, culture, engaged author.

É sabido que toda obra literária nasce de uma específica percepção de cultura. Isso porque o autor, ao se debruçar sobre a produção de sua obra, não pode ser desvinculado integralmente do contexto cultural e social em que vive. Dessa forma, além do manuseio estético, há elementos que a localiza em um determinado contexto mais amplo, envolvendo-a, garantindo, assim, as condições de legibilidade.

Segundo Ítalo Calvino, no texto *Por que Ler os Clássicos*, tratando acerca dos textos considerados integrantes do cânone literário universal, tais textos são assim reconhecidos por exercerem “uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual.” (CALVINO, 1993, p. 10-11).

¹ Doutorando USP.

Ou seja, mesmo quando uma obra é lida e seu conteúdo é aclimatado por um único indivíduo, essa obra não fica descontextualizada, já que também este leitor comunga de um grupo social que possui suas especificidades, valores, os quais estão localizados num espaço geográfico particular etc. Nesse sentido, a obra se traduz na memória e na representação mimética e artística da sociedade e da sua cultura.

Logo, tanto o ato da escrita quanto o ato da leitura estão intrinsecamente carregadas de valores e conceitos culturais e sociais.

Raymond Williams, em seu livro *Cultura*, propõe uma discussão sobre uma possível definição para o objeto intitulado na obra. Williams dispõe três possíveis significações para esse termo tão complexo. O primeiro seria um estado mental desenvolvido, seguido pelos processos desse desenvolvimento e, por último, os meios desses processos. Percorrendo a leitura desse mesmo texto de Williams, observamos que o teórico, mediante a dificuldade de definir o termo, destaca duas formas principais que chamará de precursoras de convergência de interesse. Seriam elas as ênfases no espírito formador e em uma ordem social global (WILLIAMS, 2000, p. 11).

Como objeto dessa nossa análise, far-se-á interessantes a segunda e a terceira proposição nas quais dar-se-ão ênfase ao espírito formador, às atividades sociais que visem à promoção de uma cultura intelectual para o grupo popular considerado menos desfavorecido. Claro é que, nessa breve explanação, não pretendemos esgotar a discussão frente às questões culturais relacionadas à obra literária, mas acreditamos poder abrir caminhos para uma posterior discussão mais ampla, cujo viés metodológico seria verificar a estreita relação formada entre autor-obra-cultura-obra.

Apenas a título de exemplificação, tomaremos como referência e objeto de estudo, na História da Literatura Portuguesa, a figura de Eça de Queirós que, no conjunto de sua obra, buscou demonstrar sua preocupação com a “democratização” do ensino formal que visasse à promoção social e cultural-intelectual da grande massa populacional finissecular.

A grande questão a ser discutida frente à postura queirosiana é exatamente tentar, em poucas linhas, esboçar qual seria essa preocupação de cultura letrada em Eça de Queirós, seguida por outra que a complementa, ou seja, que cultura é essa almejada pelo tão consagrado autor?

Guiados por essas inquietações e partindo de uma leitura atenta às produções do autor português, é fácil perceber que a questão educacional é apresentada como uma das principais temáticas na obra de Eça de Queirós. Assim sendo, torna-se muito comum encontrar em seus textos, tanto nos de ficção quanto nos de imprensa, denúncias e reflexões a respeito da relação entre o processo educacional ao qual foi exposto o indivíduo social e o processo de formação de uma sociedade mais justa a caminho de um progresso.

Em se tratando da produção ficcional de Eça de Queirós, é sabido que, singularmente, foi traspassada pelo conflito gerado por meio dos debates quanto à educação portuguesa. Carlos Reis, em *Eça de Queirós e o discurso da história*, afirma que é lugar comum nas obras queirosianas a preocupação com os problemas educacionais. Destaca, ainda, que essa temática é apresentada em inúmeros romances do autor por meio de abordagem dos programas pedagógicos que, por sua vez, teriam formado várias de suas personagens literárias (REIS, 1994, p. 46).

No romance *Os Maias*, por exemplo, uma das obras eceanas mais conhecidas, a caracterização das personagens passa obrigatoriamente pelo processo educacional. A partir desse processo, o romancista vai retratando os valores sociais vinculados à educação nos meios burgueses oitocentistas. Marcadamente, em momentos distintos, as personagens Carlos da Maia e Euzebiozinho, por exemplo, vão assumindo os papéis sociais que denunciam as posturas que os caracterizarão no decorrer do enredo, o que, na descrição de Cultura debatida por Raymond, seria o estado mental desenvolvido.

Com essa estratégia, o romancista discorre acerca de dois sistemas educacionais distintos, porém responsáveis pela formação do caráter e pelas posturas das personagens em questão que, lendo à luz de Williams pode se

compreender como os processos do desenvolvimento além dos meios desses processos (WILLIAMS, 2000, p. 11).

De fato, os dois sistemas educacionais apresentados nesse romance se opõem: por um lado é apresentada a educação oitocentista conservadora que privilegiava a sebeta, a cartilha e a devoção religiosa². Por outro, a educação baseada nos moldes ingleses que privilegiava o contato com a natureza, os exercícios físicos e a liberdade, baseada numa tentativa de desprender-se do modelo religioso.

Carlos Reis, comentando esse tipo de educação n' *Os Maias*, afirma que

Tudo isto ganha uma importância particular, quando reconhecemos no Pedro da Maia adulto os reflexos desta educação: a devoção histérica e a incapacidade para encarar e resolver as contrariedades com que se defronta. (REIS, 2006, p. 46)

É interessante notar que esse reflexo de educação recebida por Pedro da Maia se atualiza na figura de Euzebiozinho que, mais facilmente, pode ser confrontado com Carlos da Maia, exposto a uma educação considerada privilégio para a época. A educação recebida por Carlos valorizava a vida ao ar livre, o contato com a natureza, o exercício físico, o aprendizado de línguas vivas em detrimento do latim, ensinado com a educação tradicional, e carregava o desprezo pela cartilha e por todo conhecimento exclusivamente teórico. Carlos da Maia

² Esse tipo de educação foi apresentado também n' *A Relíquia*, com a figura de Teodorico Raposo.

(...) tinha sido educado com uma vara de ferro. (...) Não tinha a criança 5 anos já dormia num quarto só, sem lamparina; e todas as manhãs, zás, para dentro duma tina de água fria, às vezes, a gear lá fora (...) era sistema inglês! Deixava-o correr, cair, trepar às árvores, molhar-se, apanhar soalheiras, como um filho de caseiro. E depois o rigor com as comidas! Só às certas horas e de certas coisas... (QUEIRÓS, 2006, p. 42-43)

As exposições entre essas duas formas de educar serão evidenciadas através de seus resultados refletidos na caracterização física de Euzebiozinho *versus* Carlos da Maia. O primeiro é descrito como um menino frágil, triste e dependente de sua “titi” (QUEIRÓS, 2000, p. 55), enquanto Carlos possui uma saúde exuberante.

De modo geral, toda essa caracterização apresenta a fragilidade e os defeitos da educação tradicional e, ao mesmo tempo, busca uma nova possibilidade de formação, aqui retratada com a forma de educação britânica. Essa nova educação, no romance, apresenta algumas propostas inovadoras, mas, por outro lado, acabava não formando conceitos morais no indivíduo, como é possível observar com o episódio envolvendo Carlos da Maia e sua irmã Maria Eduarda que, por mais que Carlos tenha descoberto que esta era sua irmã, continuou a encontrá-la intimamente. Em suma, esse breve relato d’*Os Maias* serve para constataremos a preocupação que Eça de Queirós dedicou aos problemas educacionais, sendo esse apenas um dos diversos casos presentes em seu conjunto da obra.

A partir desse enredo, fica claro verificar como o autor, engajado socialmente, deixa transparecer em sua produção artística suas ideologias e posturas sociais, o que não o resume à utilização de estratégias meramente estético-literárias. Essa atitude o insere no contexto cultural finissecular oitocentista, como é possível perceber nas tão famosas *Conferências do Casino*

Lisbonense (QUENTAL, 1982, p. 253-296), em 1871, nas quais uma das grandes críticas apresentada desde a primeira conferência, proferida por Antero de Quental, passando pelo discurso de Adolfo Coelho e pelo próprio discurso de Eça de Queirós, estava ligada ao problema da Educação Portuguesa, que deveria passar por uma grande reforma de modo imediato.

Sendo assim, o que se tem aqui é uma transposição de um valor simbólico cultural português de fins do século XIX nas obras queirosianas.

A partir de 1870, o debate sobre a educação portuguesa ganha mais reforço: uma nova geração passa a contribuir intelectualmente com idéias referentes à questão educacional portuguesa, suscitando um espírito revolucionário herdado, talvez, da *Questão Coimbrã*, em 1865. Tendo também à frente a figura de Antero de Quental como mentor, essa geração foi responsável por uma das mais importantes manifestações intelectuais oitocentistas: *As Conferências Democráticas do Cassino Lisbonense*, em 1871. Com o intuito de explicar os objetivos do grupo, a primeira conferência, intitulada *O espírito das conferências*, foi proferida pelo próprio Antero de Quental no dia 22 de Maio de 1871. (SOUSA, 2008, p. 54)

Claro é que o que estamos tentando mostrar não é simplesmente o rebaixamento da obra de Eça de Queirós a uma simples reprodução mimética da realidade portuguesa, mas caracterizá-la como uma percepção cultural no âmbito dos problemas sociais em Portugal, tanto que essa percepção de cultura, arraigada nas obras ecianas, é tão evidente que tenta denunciar o modelo de educação vigente no Portugal oitocentista é retratada, também, no conhecido padre Amaro, em *O crime do padre Amaro*, que, diferente do ocorrido n'Os Maias, buscou retratar a educação precária que as tias de Amaro lhe proporcionaram,

além de colocá-lo como representante do clero português. Também há a personagem Luísa, da famosa obra *O primo Basílio*, representante da mulher burguesa em Portugal, vítima de uma educação sentimental baseada na leitura de romances. Teodorico Raposo, d'A *Relíquia*, entre outros que facilmente poderiam ser citados.

Toda essa perspectiva frente à problemática educacional portuguesa aparece nitidamente nas obras queirosianas de modo a denunciar a perspectiva do autor frente à questão social levantada.

António José Saraiva afirma, na obra *As idéias de Eça de Queirós* (1982), que é comum encontrar algumas ideias que acompanham toda a produção de Eça. Para Saraiva (1946), Eça de Queirós possuía algumas ideias que aos poucos iam se desenvolvendo insistentemente a cada nova publicação.

Carlos Reis, por seu turno, afirma ainda que o romancista, assumindo essa postura crítica, pretendia, por intermédio da literatura, dialogar com as grandes figuras intelectuais de seu tempo:

A obra ficcional de Eça de Queirós constitui um prolongamento qualitativo da tendência historicizante de toda a narrativa. Em diálogo com vozes qualificadas da sua geração e refletindo reiteradamente, em textos de propensão doutrinária, sobre o passado, sobre a historiografia que o representa e sobre os valores que ele envolve, Eça de Queirós projetou, nalguns de seus romances mais importantes, a consciência nítida de que todo o discurso ficcional é também uma forma superior de enunciação do discurso da história. (REIS, 1994, p. 46)

Ainda nesse artigo, Carlos Reis reporta-se ao impacto que Alexandre Herculano teria tido na própria obra de Eça, assim como em toda a Geração de

70, de modo a suscitar as mais diferentes reações entre as diversas personalidades daquele movimento. Nos termos do analista:

No imaginário cultural de que se nutriu Eça de Queirós, a figura de Herculano, historiador austero, romancista de temática histórica e intelectual de estatura incontornável desde os anos 30 do século XIX, essa figura projeta sobre a geração de Eça o prestígio algo embaraçoso de uma autoridade cultural que se pode contestar ou respeitar, mas não ignorar: quando do encerramento das Conferências do Casino, a posição a um tempo solidário e paternalista que Herculano adotou em relação a Antero evidencia bem o vigor dessa presença ética, em início dos anos 70. (REIS, 1994, p. 47)

Todo problema social retratado por Eça de Queirós, assim como as influências que recebeu durante sua produção artística, atualizava o consenso ideário existente entre os intelectuais. Nesse debate intelectual, acreditava-se que a ascensão da sociedade portuguesa, envolta na decadência finissecular, dependeria principalmente da educação recebida pela sociedade. Por mais que o ápice dessa discussão tenha tido seu estopim na década de 1870, esse debate permeou o século XVIII e todo o século XIX. Eça de Queirós, nesse contexto oitocentista, também apresentou sua colaboração nos textos de imprensa que produziu ora sozinho, ora em parceria, como, por exemplo, n' *As Farpas*, em 1871, escrito juntamente com Ramalho Ortigão.

Tendo, *As Farpas*, alcançado êxito de imediato (QUEIRÓS, 2000, p. 659), Ramalho Ortigão começa a pensar em uma reedição, a qual se dará a partir de 1886. Já Eça de Queirós abdica do título original da obra, concedendo direito autoral a Ramalho Ortigão. Recolhe seus textos sob o título *Uma Campanha Alegre*, obra editada em dois tomos (1890 – 1891), depois de passar

por revisões por parte do autor, o que, aliás, era uma prática comum de Eça de Queirós.

Logo, em consonância com o que fizeram os demais integrantes de sua geração (Geração de 70), Eça de Queirós observou criticamente a sociedade em que viveu. Procurou analisar essa sociedade com o intuito de apresentar as possíveis razões pelas quais Portugal foi colocado em uma situação de decadência social, política e até mesmo cultural. Compactuou com o conhecido discurso proferido por Antero de Quental durante as *Conferências do Casino Lisbonense* a respeito da decadência social de seu país nos últimos três séculos. Antero destaca, entre esses motivos, o problema da educação portuguesa dizendo que “foi sobretudo pela falta de ciência que nós (portugueses) descemos, que nos degradámos, que nos anulamos. A alma moderna morrera dentro em nós completamente” (QUENTAL, 1982, p. 226).

Em síntese, o que se pode perceber no conjunto da obra de Eça de Queirós, assim como em obras de vários outros autores não elencados nessa análise, é que, de fato, as questões Culturais são inerentes ao processo de criação da obra literária, ou seja, o autor, fazendo parte de um contexto histórico-cultural específico, produz uma obra que carrega direta ou indiretamente as influências de sua época, que vai se renovando a cada leitura e a cada análise.

Referências Bibliográficas:

- CALVINO, Ítalo. *Por que Ler os Clássicos*. SP: Companhia das Letras, 1993.
- QUEIRÓS, Eça de. *Obras Completas*. Vol. III. Org. Beatriz Berrini. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2000.
- QUEIRÓS, Eça de. *Os Maias*. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.
- QUENTAL, Antero de. *Prosas Sócio-Políticas*. Publicada por Joel Serrão. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982.
- QUENTAL, Antero de. “Leituras Populares” In. *Prosas sócio-políticas*, publicadas

e apresentadas por Joel Serrão, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982.

REIS, Carlos. *Introdução à leitura d'Os Maias*. 7ª. Edição. Coimbra: Almedina, 2006.

REIS, Carlos. *Queirosiana: estudos sobre Eça de Queirós e a sua geração*. Números 7/8. Dezembro, 1994.

SARAIVA, António José. *As Idéias de Eça de Queirós*. Lisboa: Bertrand, 1982.

SOUSA, Marcio Jean Fialho de. *A Postura de Eça de Queirós à Luz dos Debates Educacionais em Portugal*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

WILLIAMS, Raymond. “Com vistas a uma sociologia da cultura”. In. *Cultura*. 2ª Ed. SP: Paz e Terra, 2000.